

**Comunicação, saúde e infodemia:  
avaliações e desafios no ambiente da pandemia de covid-19<sup>1</sup>**

Rodolfo Silva MARQUES<sup>2</sup>  
Universidade da Amazônia, Belém, PA

Mário Camarão FRANÇA NETO<sup>3</sup>  
Universidade da Amazônia, Belém, PA

**Resumo**

Este trabalho promove uma análise interdisciplinar sobre os campos da Comunicação e da Saúde, tendo como objeto de análise dessas conexões científicas o contexto da Covid-19, que atingiu todo o mundo, em diferentes escalas, em 2020 e em 2021. A ideia é discutir tópicos Comunicação em Saúde na pandemia de Covid-19, no Brasil, além da desinformação e do eixo do letramento midiático (literacia) no âmbito da saúde pública. Os métodos usados são a revisão de literatura e a discussão contextualizada. É proposto um debate conceitual sobre as categorias da conexão entre comunicação e saúde, principalmente a partir dos desafios do jornalismo no ambiente da Covid-19. Identificam-se, como resultados, a necessidade de adequação da linguagem aos diferentes públicos, não só em crises, e a percepção de que é essencial combater a desinformação, em especial no contexto da saúde pública em escala global.

**Palavras-Chave:** Comunicação; Saúde; Covid-19; desinformação; literacia.

**Communication, health and infodemic:  
assessments and challenges in the environment of the covid-19 pandemic**

**Abstract**

This paper promotes an interdisciplinary analysis on the fields of Communication and Health, having as object of analysis of these scientific connections the context of Covid-19, which reached the whole world, at different scales, in 2020 and in 2021. The idea is to discuss topics Health Communication in the Covid-19 pandemic in Brazil, in addition to disinformation and the axis of media literacy (literacy) in the scope of public health. The methods used are literature review and contextualized discussion. A conceptual debate is proposed on the categories of the connection between communication and health, mainly from the challenges of journalism in the Covid-19 environment. As a result, the need to adapt language to different audiences and the perception that it is essential to combat misinformation, in the context of public health on a global scale.

**Keywords:** Communication; Health; Covid-19; misinformation; literacy.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RS). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará (PA). Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda – pela Universidade da Amazônia (PA). Professor-Adjunto da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: [rodolfo.smarques@gmail.com](mailto:rodolfo.smarques@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho (UM – Portugal). Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo – pela Universidade Federal do Pará. Professor-Adjunto da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: [mariocamarao@gmail.com](mailto:mariocamarao@gmail.com).

## **Introdução**

Indiscutivelmente, o ano de 2020 foi um “divisor de águas” em todo o mundo, em diferentes gradações. A pandemia de Covid-19 (Sars-Cov-2) trouxe medo, instabilidade e ansiedade em escala global. Os cenários se tornaram desconhecidos – e há uma tendência da humanidade em ter um desconforto em lidar com o que não lhe é familiar. A pandemia passou a estar “onipresente” nas produções jornalísticas, e questões como o distanciamento social, o uso de máscaras e as mutações do novo Coronavírus passaram a estar de forma constante nas discussões interpessoais.

Mais do que nunca, a perspectiva da Comunicação em Saúde é interdisciplinar, com as visões da Comunicação e da Saúde de forma integrada, assim como ciências específicas como a Medicina, a Psicologia, a Enfermagem, a Terapia Ocupacional, entre outras (ZOLLER & KLINE, 2008).

A interdisciplinaridade está associada à ideia de um conjunto de disciplinas interligadas e com relações definidas, em constante intercâmbio de informações, como um processo dinâmico que procura solucionar diversos problemas de investigação. Graças à interdisciplinaridade, o objeto de estudo é entendido de forma integral como uma abordagem metodológica que reside na busca sistemática de integração das teorias, dos instrumentos e das fórmulas de ação científica de diferentes disciplinas, com base numa concepção multidimensional dos fenômenos (THIESEN, 2008).

Pensar em Comunicação e(m) Saúde traz uma reflexão permanente sobre comportamentos, formas de comunicação e intenções. Os *stakeholders* têm de estar vinculados às etapas da comunicação, nos contextos da capacitação e da influência de pessoas pelas informações veiculadas e transmitidas nas mais diferentes plataformas (SCHIAVO, LEUNG, & BROWN, 2014).

Fazer o grande público entender as informações sobre saúde em geral, através de canais tradicionais e digitais de informação, e a respeito de pesquisas sobre vacinas, de medicamentos adequados, dos mecanismos de prevenção, tornou-se um grande desafio para os profissionais de comunicação. O jornalismo, em si, enfrentou um momento de revolução em termos de procedimentos, linguagem e adequação aos públicos. O jornalismo especializado em saúde se identifica como um mecanismo capaz de indicar, coordenar e normalizar posturas, unindo conhecimentos científicos específicos e a essência do apurar e do produzir informações para a sociedade (MIRANDA, 2017).

E há de se pensar, também, de forma objetiva e consistente, na maneira como as mensagens e conteúdos de jornalismo em saúde são compreendidas pelo público. Vale resgatar, portanto, alguns estudos da Teoria da Recepção (Hall & Sovik, 2003). Como as informações são entendidas pelas pessoas? Como enfrentar as notícias fáceis e os processos de desinformação? Como ter um autocontrole diante de uma temática – a pandemia de Covid-19 – que gera muito mais dúvidas do que certezas?

Em sua abordagem, embora trabalhe quase que exclusivamente com as mídias tradicionais – prioritariamente a televisão –, Hall (2004) destaca três etapas do processo comunicativo no contexto da recepção:

- a) a linearidade entre emissor, mensagem e receptor;
- b) uma certa concentração no nível da troca de mensagens entre os diferentes canais; e
- c) a ausência de uma percepção organizada dos diferentes momentos.

Dessa forma, a produção e a construção do conhecimento se forjam em estruturas de dominação em que o público audiente precisa receber e sistematizar as informações a partir das diferentes intencionalidades (Hall, 2004). Hall e Sovik (2003) reforçam ideia da identidade cultural e como tal aspecto pode ser um diferenciado em como as sociedades recebem, sistematizam e distribuem determinados tipos de conteúdos – principalmente os jornalísticos.

Epidemias em escala mundial, como a Gripe A, em 2009, o Ebola, em 2014, e a Covid-19, iniciada no final de 2019, expandida em 2020 e em continuidade em 2021, reforçam a premissa de se comunicar de forma clara e de se aprofundar os estudos de Jornalismo e de Comunicação em Saúde. A comunicação em saúde pode ser um instrumento fundamental no enfrentamento de pandemias, como a SARS-Cov-2, com impactos efetivos nas populações, na contribuição para o enfrentamento da doença, maior índice de informação e promoção da saúde, com proatividade.

Assim, nessa discussão interdisciplinar, elege-se esse objeto de análise para as conexões científicas entre Comunicação e Saúde no contexto da Covid-19, buscando trabalhar os fatores Comunicação em Saúde na pandemia de Covid-19, a desinformação e o letramento midiático em relação à área da saúde (FERRARETO & MORGADO, 2020).

O Brasil foi escolhido como *locus* por ser a terra natal dos autores do trabalho e por ter, na sua experiência, uma série de aspectos que referendam as premissas

propostas no trabalho. Embora a abordagem pretenda-se universal, é preciso ressaltar que o país teve muitos problemas no enfrentamento da pandemia e no quesito comunicação, pelos vários percalços do governo federal brasileiro. Foi feita a opção pela discussão conceitual a partir da revisão de literatura e da observação de episódios com alguns dados secundários.

Dessa forma, nesse contexto, o presente artigo se divide em quatro etapas básicas: primeiramente, discute-se a necessidade da adequação da linguagem para a comunicação em saúde no contexto da pandemia – a literacia, também em outros ambientes. Na sequência, trata-se do conceito de infodemia, correlacionado com a ideia de disfunção narcotizante, desenvolvida por Paul Lazarsfeld e Robert Merton, ainda no ano de 1948. Trabalham-se, no terceiro item, os conceitos de *Fake News* e de desinformação no cenário da pandemia. A seguir, à guisa de conclusões, faz-se um quadro conceitual e se mostram alguns dados da Comunicação e(m) Saúde e a Covid-19, além das últimas avaliações.

## **1. Literacia em Saúde e adequação da linguagem**

Para além da informação, há mister que exista uma boa comunicação em saúde, para atingir os efeitos desejados e para que se busque uma mobilização social diante de questões relevantes. A pandemia de Covid-19, que se alastra pelo mundo com diferentes intensidades em 2021, marcou, em 2020, caracteres como um interesse maior de informações de saúde, com aparecimento de palavras como “cepa”, “variantes”, “mitigar”, “*lockdown*”, entre outros, além de reforçar práticas como o distanciamento social.

Tabakman (2013) ressalta a importância da adequação da linguagem para a compreensão do público e de uma ampliação da prática do jornalismo em saúde. Segundo Tabakman (2013), há uma “poupança” de valores em tratamentos e saúde que deixam de ser gastos quando há informação em saúde. Para que a mensagem seja bem compreendida e decodificada pelos receptores, há a oposição de um grande desafio que envolve profissionais da saúde e jornalistas, no sentido da interlocução (TABAKMAN, 2013).

Há uma preocupação de se buscar um conjunto de competências para o letramento em saúde, com o objetivo da promoção de informações no segmento e ampliar para todos os envolvidos nos processos a percepção a respeito das dificuldades

diárias com a saúde. Percebe-se a influência dos fatores sociais sobre a saúde e sobre os acessos às informações (MARQUES, ESCARCE, & LEMOS, 2018).

Em 1998, a Organização Mundial da Saúde (OMS) conceituou literacia em saúde como um conjunto de competências cognitivas e sociais no sentido de gerar a capacidade de os indivíduos compreenderem as informações, com todos promovendo e contribuindo para uma boa saúde (PEDRO, AMARAL, & ESCOVAL, 2016).

A partir dessa definição, entende-se que o letramento em saúde – tão essencial para o trabalho de comunicação, em especial em períodos pandêmicos – está, a priori, na capacidade geral de interlocução e compreensão que permitam a tomada de decisões fundamentadas em cada contexto.

Nesta perspectiva, definem-se campos de competências para essa literacia em saúde: competências básicas em saúde, competências do doente, competências como consumidor e competência como cidadão. Essas ações conjuntas, com os processos de adequação da linguagem, tendem a reforçar as premissas dos profissionais da saúde e dos cidadãos em geral no sentido de gerar autocuidados, a busca de especialistas e uma participação em discussões públicas em prol da promoção da saúde coletiva<sup>4</sup>.

Pedro, Amaral e Escoval (2016) destacam que vários estudos mostram que um nível incompleto de literacia em saúde pode ocasionar implicações claras nos resultados em saúde, no uso inadequado dos serviços e nos investimentos em saúde – até mesmo em processos de prevenção diante de grandes epidemias.

O conceito de literacia em saúde foi se aprofundando com o passar das décadas, reforçando não apenas um componente pessoal, mas com a observância também no sentido de se tomar decisões fundamentais do dia a dia, diante das informações específicas sobre tratamentos e procedimentos em relação a doenças e prevenções (KICKBUSCH, WAIT, & MAAG, 2005).

Para Nutbeam (2000), a literacia tem dois elementos essenciais – as tarefas e as competências: há uma preocupação sobre a leitura básicas de textos e a escrita de frases simples, no âmbito das tarefas, e a discussão sobre o nível do conhecimento e as aptidões para realizar atividades, no contexto das competências.

Também há uma espécie de classificação, em níveis, de literacia em saúde, de acordo com Nutbeam (2000): a literacia funcional, ou básica, com as competências

---

<sup>4</sup> PORTAL INSA. *Literacia em saúde*. Disponível em [www2.insa.pt/sites/INSA/Portugues/AreasCientificas/PSDC/AreasTrabalho/LiteraciaSaude/Paginas/](http://www2.insa.pt/sites/INSA/Portugues/AreasCientificas/PSDC/AreasTrabalho/LiteraciaSaude/Paginas/). Acesso em: 20. jan.2022.

essenciais; a interativa/comunicativa, com a visão das capacidades sociais e de compreensão das informações e das diferentes formas de comunicação; e a literacia crítica, com uma visão questionadora e a possibilidade de se exercer mais controle sobre os enfrentamentos cotidianos. E, no cenário da pandemia de Covid-19, esse terceiro nível parece ser o mais essencial.

## **2. Infodemia e disfunção narcotizante**

A experiência da Sociedade da Informação exige uma nova percepção do fluxo informacional, que para Castells (2000) terá como caracterização principal a informação como matéria-prima, e tendo a tecnologia desenvolvida para permitir ao sujeito uma atuação sobre a informação, em contraposição a utilizá-la – como no passado recente – na ação sobre a tecnologia, considerada apenas um insumo na busca de novas e melhores tecnologias. Castells (2000) ainda indica como características desse processo: a alta penetrabilidade das tecnologias, a preferência pela lógica das redes, a flexibilização com a tecnologia permitindo a reversão, modificação e reorganização de processos; e a interligação de áreas diferentes do conhecimento através da trajetória do desenvolvimento tecnológico com a convergência tecnológica.

Torna-se essencial mencionar a sociedade contemporânea e sua relação com a informação, uma vez que o formato não linear da comunicação e o acesso remoto e em tempo real rompem com os conceitos de tempo e espaço, concretizam a sociedade em rede conectada por nós e alteram a construção do conhecimento, com o acesso baseado em rapidez e credibilidade.

Um conceito essencial dentro desse contexto é o da discussão narcotizante – ou a “síndrome do excesso da informação” (aspas dos autores). Essa síndrome torna, gradativamente, os indivíduos “entorpecidos”, enevoando o desenvolver de seu senso crítico e influenciando na saúde mental humana. Paul Lazarsfeld e Robert Merton, ao estudar as mídias de massas – e expoentes da Escola Funcionalista das Teorias da Comunicação – desenvolveram, em 1948, a ideia do excesso de informações a que as sociedades estão expostas. Esse funcionamento da recepção de conteúdos (Hall, 2003) está ligado a um volume de dados que são recebidos de forma cotidiana, de fontes diversificadas e com uma grande rapidez (Lazarsfeld & Merton, 1948/2002).

Assim, as sociedades ouvem, leem, veem e interagem mais – ainda mais no século XXI –, mas ainda existe uma capacidade limitada de absorção e compreensão de

conteúdos, além das dificuldades para a seleção das informações. A disfunção narcotizante (Lazarsfeld e Merton, 1948/2002) se encaixa no contexto da pandemia de Covid-19, ainda mais com a velocidade das mídias digitais no repasse de informações e na profusão de conteúdos.

Na expansão do Sars-Cov-2, um comportamento corriqueiro está sendo na busca de informações sobre a eficácia das vacinas, sobre os planos nacionais de imunização, em relação a possíveis tratamentos – ainda não comprovados cientificamente – e a respeito dos meios de prevenção ao novo Coronavírus. Em simultâneo, há uma ampliação dessas notícias, de fontes múltiplas, que podem acabar por interferir no bem-estar e em comprometer nas emoções individuais e coletivas.

Assim, há uma conexão com o conceito de infodemia<sup>5</sup>, com as pessoas tendendo a ficar mais confusas e aflitas, na maioria dos casos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a pandemia de Covid-19 e as respostas a ela trazem consigo a chamada infodemia. Há um excesso de informações – sendo algumas verdadeiras – e outras, não –, deixando dificuldades para que se encontrem fontes idôneas e orientações com alto grau de confiabilidade. Infodemia se relaciona, portanto, a um aumento expressivo no volume de informações associadas a um assunto específico, com a multiplicação exponencial em um pequeno intervalo de tempo.

Assim, há rumores e desinformação. O fenômeno da infodemia de alastrou, também<sup>6</sup>. A infodemia é o termo propagado pela OMS para designar o “dilúvio” de informações incorretas, notícias falsas relacionadas à pandemia. De certo modo, a desinformação representa um problema sério e grave, a colocar em risco a saúde e a integridade da população. Se for feita a verificação, desde o início da pandemia, a desinformação gerou caos e compromete o diagnóstico, o tratamento e até a aceitação de tratamento preventivo, como a imunização por vacina.

O excesso de informação no momento da crise acirrou ainda mais a propagação dos erros, equívocos e notícias falsas. O processo de desinformação anda lado a lado com a produção jornalística e produz um entorpecimento diante da avalanche de textos, números, imagens nos écrans, links compartilháveis, mensagens de comunicadores

---

<sup>5</sup> PORTAL HYPENESS. *Infodemia e covid-19: fluxo de informações e saúde mental em tempos de pandemia*. Disponível em [www.hypeness.com.br/2020/03/infodemia-e-covid-19-fluxo-de-informacoes-e-saude-mental-em-tempos-de-pandemia/](http://www.hypeness.com.br/2020/03/infodemia-e-covid-19-fluxo-de-informacoes-e-saude-mental-em-tempos-de-pandemia/). Acesso em 07 fev.2022.

<sup>6</sup> Portal PAHO. Disponível em [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf?sequence=14](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14). Acesso em: 28 jan. 2022.

instantâneos. Nessa panóplia caótica, observamos uma reconfiguração e fortalecimento do jornalismo como fonte confiável de informação.

### 3. Informação, *Fake News* e desinformação

Inicialmente, é necessária a diferenciação entre Informação, Desinformação e *Fake News*. Na multiplicidade de significados que podemos encontrar sobre informação, a compreensão mais genérica do conceito está em Ferreira et al. (1999, p. 1109): “ato ou efeito de informar (-se)”, seria, portanto, o ato de instruir-se sobre algo, corroborando com a definição de HOUAISS et al. (2001, p. 1615), onde encontramos o vocábulo explicado como “comunicação ou recepção de um conhecimento ou juízo”.

Dentro do Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação (PIDC) da UNESCO encontra-se a “Iniciativa Global pela Excelência na Educação em Jornalismo”, que publicou um Manual<sup>7</sup> que discute a desinformação e os confrontos que estabelece com a sociedade e o jornalismo, em particular. Na publicação, evidencia-se a diferença entre desinformação e *Fake News* (notícias falsas), uma vez que “notícias” têm a acepção de “informações verificáveis de interesse público, e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias” (Ireton e Posetti, 2019, p. 07). Assim, as “notícias falsas” se mostram um paradoxo que destroem a credibilidade da informação devidamente apurada na rotina jornalística e que atende o princípio da verificabilidade e interesse público presente no processo de construção das notícias reais. O Manual aponta os riscos da disseminação de conteúdos inverídicos para credibilidade das fontes noticiosas:

No contexto atual de desinformação e informação incorreta, o risco principal não é a regulação injustificável do jornalismo, mas o público poder vir a descrever de todo o conteúdo – incluindo o jornalismo. Nesse cenário, as pessoas provavelmente acreditarão em qualquer conteúdo aprovado pelas redes sociais e que se assemelhe aos seus sentimentos – mas deixem de lado o envolvimento racional. Nós já vivenciamos os atuais impactos negativos das crenças públicas sobre saúde, ciência, compreensão intercultural e a condição da experiência autêntica. (Ireton & Posetti, 2019)

Mesmo assim, a expressão *Fake News* se tornou comum nos últimos anos substituindo os rumores e boatos que circulam na velocidade permitida pelo ambiente digital. Um problema que, durante a pandemia do Covid-19, resultou em uma

---

<sup>7</sup> Portal UNESCO. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em: 28 jan. 2022.



Infodemia<sup>8</sup>, “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (OPAS, 2020, p. 02; D’ANCONA, 2018; WAISBORD, 2020).

A expressão discorre sobre o aumento exponencial de informações que se propagam em pouco tempo como a pandemia do Novo Coronavírus, facilitando os rumores, deturpando informações com intenção de desinformar. Um fenômeno facilmente expandido no ambiente digital, principalmente pelas redes sociais e se dissemina tal que a propagação de um vírus.

A OPAS (2020, p. 2) exemplifica que justamente neste período, quando a pandemia começa a se alastrar exponencialmente pelo mundo, já haviam sido carregados 361 milhões de vídeos no YouTube em 30 dias com a classificação “COVID-19” e “COVID 19”. Também foram publicados no Google Scholar cerca de 19.200 artigos desde o início da pandemia, e cerca de 550 milhões de posts do Twitter citaram os termos: *coronavirus*, *corona virus*, *covid19*, *covid-19*, *covid\_19* ou *pandemic*.

A Unesco (Ireton e Posetti, 2019, p. 47), no Manual da Instituição para os jornalistas, traça um painel para compreensão do ato de informar no capítulo sobre a Desordem da Informação, porque define que as *Fake News* combinam informação incorreta com desinformação. Sobre “informação incorreta”, explica ser a informação falsa divulgada porque o emissor acredita ser verdadeira. Diferente da “desinformação”, que o emissor divulga sabendo ser uma mentira, sendo, assim, uma informação falsa espalhada de forma intencional com intenção maliciosa porque tem uma base na realidade, mas é propagada para causar prejuízo a alguém ou a uma instituição (ONU, 2020).

De acordo com a OPAS (2020) na pandemia, as desinformações são espalhadas no ambiente digital. As histórias falsas ou enganosas são inventadas e compartilhadas sem que se verifique a fonte nem a qualidade. A maioria se apoia em teorias conspiratórias misturadas a elementos discursivos convencionais. Em todos os formatos há perigo, uma vez que podem convencer e fazer com que pessoas corram riscos maiores de contágio:

Para reduzir o alcance da desinformação, a IFCN<sup>9</sup> – *International Fact-Checking Network*<sup>10</sup> –, ainda em janeiro de 2020, construiu um projeto de crowdsourcing<sup>11</sup> com

---

<sup>8</sup> Portal PAHO. Disponível em [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf?sequence=14](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14). Acesso em: 28 jan. 2022.

cerca de 100 veículos em mais de 70 países para verificação de informações falsas. Desde janeiro, a iniciativa já desmentiu mais de 9 mil boatos, em 40 idiomas diferentes. A rede, entre vários objetivos, monitora tendências, formatos e formulação de políticas sobre verificação de fatos em todo o mundo, publicando boletins semanais. Assim, consegue revelar a identificação entre os verificadores de informações (fatos) em diferentes países e aponta padrões básicos dos institutos de verificação para rastrear os impactos da verificação de fatos.

No site do CoronaVirusFactsAlliance há um banco de dados com todas as checagens, descrição de onde são as notícias mais checadas e quais os temas que mais inspiraram mentiras. Os relatórios apontam que os três países com mais *Fake News* verificadas são os mesmos que lideram os rankings de casos de covid no mundo: Índia, Estados Unidos e Brasil.

Os índices apresentados não representam a quantidade de informações falsas compartilhadas, mas enumeram o volume do trabalho dos checadores. As temáticas de boatos sobre a pandemia circulam entre as formas de propagação do vírus, redes de 5G<sup>12</sup> e métodos de cura.

No banco de dados atualizado diariamente, o Brasil apresenta quatro temas que se destacam: as desinformações de que o uso de máscara aumenta perigosamente os níveis de dióxido de carbono e causa hipóxia; que uma dieta de alimentos alcalinos protege contra o contágio do COVID-19; que a primeira voluntária da vacina contra o vírus morreu; e que helicópteros vão espalhar produtos químicos nas ruas para erradicar o novo coronavírus.

A Aliança CoronaVirusFacts registrou, nos dois primeiros anos de pandemia, entre 2020 e 2012, a média de 143 novos fatos checados por dia. No início da pandemia de coronavírus a desinformação era tematizada pela origem do vírus. O projeto detectou desinformação sobre as formas de propagação da doença, curas e prevenções. Neste momento, as desinformações mais comuns são sobre grupos religiosos, políticos e o

---

<sup>9</sup> ALIANÇA CORONAVIRUSFACTS. Disponível em [www.poynter.org/coronavirusfactsalliance/](http://www.poynter.org/coronavirusfactsalliance/). Acesso em: 21.jan.2022

<sup>10</sup> Rede Internacional de Verificação de Fatos, em tradução livre

<sup>11</sup> Em português, contribuição colaborativa ou colaboração coletiva, termo criado por Jeff Howe (2006) como “grande fonte de força de trabalho, formada por grupos de pessoas de qualquer formação, que, por meio da Internet, contribuem naturalmente com os seus conhecimentos para desenvolver um projeto ou resolver problemas, pelo simples desafio ou prazer de colaborar, sem nenhum tipo de remuneração ou recompensa”. Portal BOOC. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bittencourt-filho-colaboracao-em-massa-crowdsourcing.pdf>. Acesso em: 21.jan.2022

<sup>12</sup> A quinta geração de redes de comunicação móvel, que são um conjunto de tecnologias que nos habilita a trocar informações a partir de dispositivos portáteis a qualquer momento.

impacto do COVID-19 no sistema de saúde de um país. No trabalho coletivo, o site informa que seus membros se veem como parceiros em uma grande redação internacional. Esse trabalho gerou US \$ 2 milhões em apoio do WhatsApp e do Facebook<sup>13</sup>.

Em uma época em que temos uma produção intensa de conteúdos por parte dos consumidores de informação, os chamados prosumidores, aqueles que consomem, produzem e compartilham informação sem conhecimento, sem levar em conta os preceitos da deontologia jornalística e sem comprometimento com a apuração dos fatos, da ciência e dados científicos, torna-se nomeadamente perigosa a relação entre o conteúdo compartilhado nos *media* oficiais e o conteúdo produzido pelos leigos no espaço digital. Ambos disputam o mesmo lugar de “credibilidade” e confiança – pautados muita das vezes pelo desconhecimento, pelo boato, mesmo que tais notícias apresentem dados absurdos, grosseiros, forjados.

De acordo com Ferrareto e Morgado (2020), até o jornalismo, que tem o compromisso social com a informação, se depara algumas das vezes com a imprecisão da própria realidade diante das pesquisas, dos números e dados. O que denota uma preocupação maior em informar com qualidade, apuração e checagem das fontes.

Entende-se que a disseminação de *Fake News* e da cultura da desinformação não são novidades da pandemia. Mas observa-se uma constante tendência, que coloca em jogo o conhecimento e a ciência. Faz-se necessário cada vez mais pensar nos processos permanentes de educação e de conscientização.

A ausência de criticidade e educação para os *media* acirra os processos de valorização e consumo e desinformação. Esse entorpecimento é visto por Martins (2002) como uma constante ruína e crise da sociedade mediática. “Afogados” cada vez mais no “dilúvio” da desinformação, cabe ao jornalismo combater notícias falsas, a partir de pessoas responsáveis e conscientes das várias consequências que a divulgação desse tipo de mensagem pode trazer.

## **Conclusões**

À guisa de conclusões, apresenta-se, para a identificação dos principais achados da presente pesquisa, o quadro conceitual sobre as principais categorias discutidas no contexto da Covid-19 e das estratégias de comunicação.

---

<sup>13</sup> ALIANÇA CORONAVIRUSFACTS. Disponível em [www.poynter.org/coronavirusfactsalliance/](http://www.poynter.org/coronavirusfactsalliance/). Acesso em: 21.jan.2022.

Quadro 1: Quadro Conceitual

<b>TERMO USADO</b>	<b>DEFINIÇÃO</b>	<b>CONTEXTO E EFEITOS</b>
Literacia em Saúde	Conjunto de competências cognitivas e sociais no sentido de gerar a capacidade de os indivíduos compreenderem as informações, com todos promovendo e contribuindo para uma boa saúde, a partir da definição da OMS, em 1998 (PEDRO, AMARAL, & ESCOVAL, 2016)	O não conhecimento sobre as questões de saúde gera insegurança e incômodo na população. Cabe aos profissionais de jornalismo e da área da saúde fazer a “tradução” dos termos para os diferentes públicos.
Comunicação em Saúde	A perspectiva da Comunicação em Saúde é interdisciplinar, com as visões da comunicação e da Saúde de forma integrada, assim como ciências específicas como a Medicina, a Psicologia, a Enfermagem, a Terapia Ocupacional, entre outras (ZOLLER & KLINE, 2008).	Entender a importância da comunicação entre os profissionais da área da saúde e junto à sociedade, evitando desinformação e conflitos.
Jornalismo em Saúde	Jornalismo especializado com pautas e conceitos na área da saúde	Produção de conteúdo claro e objetivo para os públicos que querem se informar
Infodemia	Infodemia se refere a um aumento efetivo do volume de informações sobre um assunto específico, que se multiplicar em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia de Covid-19. É um fenômeno que se espalha rapidamente, como um vírus, e pode gerar desinformação. (Portal PAHO. Disponível em <a href="https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14">https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14</a> . Acesso em: 28 jan. 2021).	A infodemia esteve e está presente no contexto da Covid-19, com um excesso de informações e a desconfiança geral em relação às fontes.
Disfunção Narcotizante	Síndrome do excesso de informações, com a incapacidade de se absorver todos os conteúdos a que se está exposto. (LAZARFELD e MERTON, 1948/2002)	Conceito se encaixa no contexto da pandemia de Covid-19, principalmente com a velocidade das mídias digitais no repasse de informações e na profusão de conteúdos.
<i>Fake News</i> e Desinformação	Fake News são as notícias falsas com o objetivo de confundir e de desinformar. Desinformação é uma informação falsa ou imprecisa para enganar. (Portal PAHO. Disponível em <a href="https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14">https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14</a> . Acesso em: 28 jan. 2021).	No contexto da pandemia de Covid-19, elas podem afetar os aspectos da vida e a saúde mental das pessoas. Em uma pandemia, a desinformação prejudica a saúde humana.

Fonte: Autoria própria, a partir dos dados compilados

Vivendo o cenário da Covid-19, no Brasil e no restante do mundo, há diversas pesquisas que tratam da necessidade de se comunicar melhor no âmbito da saúde – e trazer as informações jornalísticas para ampliar os graus de segurança e proatividade diante de tantas incertezas.

Um ponto que se depreende da presente pesquisa parte da premissa da necessidade de adequação da linguagem para os diferentes públicos – não somente em períodos de crises pandêmicas. Ganha destaque o conceito de literacia em saúde (TABAKMAN, 2013; NUBTEAM, 2000; MARQUES, ESCARCE, & LEMOS, 2018), em seus diferentes níveis, reforçando o senso crítico do público e a necessidade da busca da informação por parte das pessoas.

Outro aspecto essencial é pensar que, em uma crise sistêmica como a da Covid-19, é fundamental o combate às *Fake News* e à desinformação de uma maneira geral (D’Ancona, 2018; Ferrareto & Morgado, 2020). Tratamentos “milagrosos” contra o Novo Coronavírus, confusões sobre formas de contágio e/ou mecanismos de prevenção, além das ações de desinformação e de negacionismo por parte de agentes públicos – como se viu no Brasil, com o presidente Jair Bolsonaro (sem partido), e nos Estados Unidos, com o então presidente Donald Trump (Partido Republicano) –, só contribuem para piorar cenários e atrapalhar a vida das pessoas de uma forma geral.

Também é importante pensar a respeito do nível de transparência das instituições. Torna-se evidente que a ausência de informações claras e confiáveis atrapalha qualquer ação de enfrentamento da Covid-19. É importante contar com a assertividade das fontes oficiais – assim como o uso de uma forma de comunicação que atinja mais pessoas, organicamente.

Dessa forma, o grande exercício de enfrentamento nessa perspectiva de Comunicação e Saúde é a seleção de informações a partir da busca de fontes oficiais e a prioridade, por vezes, a temas secundários em relação aos processos pandêmicos, como a possibilidade do uso de recursos tecnológicos, das plataformas digitais e as modalidades do teletrabalho em virtude da necessidade do distanciamento social.

## REFERÊNCIAS

ALIANÇA CORONAVIRUSFACTS. Disponível em [www.poynter.org/coronavirusfactsalliance/](http://www.poynter.org/coronavirusfactsalliance/). Acesso em: 21 jan.2022.

BITTENCOURT, L. C.; MORAES FILHO, R. M. **Colaboração em Massa (Crowdsourcing) na comunicação corporativa**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2014.

- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 4 ed., v. 1, 2000.
- D'ANCONA, M. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News**. Barueri: Faro, 2018.
- FERRARETO, L. A., & MORGADO, F. **Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise**. UFRGS, NER, 2020.
- FERREIRA, A. B. H., ANJOS, M., & FERREIRA, M. B. Novo Aurélio, Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HALL, S. & SOVIK, L. (orgs.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 353-386, 2003.
- HOUAISS, A., VILLAR, M., & FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IRETON, C. & POSETTI, J. (Orgs.). **Jornalismo, Fake News & Desinformação – Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo**. UNESCO Publishing, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>, 2019. Acesso em: 30.jan.2022.
- KICKBUSCH, I., WAIT, S., & MAAG, D. **Navigating health: The role of health literacy**. London: Alliance for Health and the Future. International Longevity Centre-UK, 2005.
- LAZARSELD, P., & MERTON, R. Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social. In: Lima, L. C. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 109-131, 2004.
- MARQUES, S. R. L., ESCARCE, A. G., & LEMOS, S. M. A. **Letramento em saúde e autopercepção de saúde em adultos usuários da atenção primária**. CoDAS [online]. Vol.30, n.2, e20170127. Epub May 17, 2018.
- MARTINS, M. de L. **O Trágico como Imaginário da Era Mediática**. In Comunicação e Sociedade, nº 4, Braga: CECS, 2002.
- MIRANDA, A. S. de. O saber médico e o jornalismo especializado em saúde: como uma epidemia se torna notícia. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. Número 2, Volume 11, 2017.
- NUTBEAM, D. **Health literacy as a public health goal: A challenge for contemporary health education and communication strategies into the 21st century**. Health Promot Int. 2000; 15:259-67.
- OPA (2020). Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS (org.). Fichas Informativas COVID-19: Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054>. Acesso em: 28 jan. 2022.
- ONU. COVID-19: chefe da ONU alerta para ‘epidemia de desinformação’. 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/tfCYwpE>. Acesso em: 28 jan. 2022.
- PEDRO, A. R., AMARAL, O., & ESCOVAL, A. Literacia em saúde, dos dados à ação: tradução, validação e aplicação do European Health Literacy Survey em Portugal. **Rev. Port. Sau. Pub.** [online]. 2016, vol.34, n.3, pp.259-275.

Portal BOOC. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bittencourt-filho-colaboracao-em-massa-crowdsourcing.pdf> . Acesso em: 21 jan. 2022.

Portal G1. Não gosto de trabalhar com prazo, diz ministro da Saúde sobre repatriação de brasileiros de Wuhan. Disponível em : <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/03/nao-gosto-de-trabalhar-com-prazo-diz-ministro-da-saude-sobre-repatriacao-de-brasileiros-de-wuhan.ghtml> . Acesso em: 28 jan. 2022.

Portal HYPENESS. Infodemia e covid-19: fluxo de informações e saúde mental em tempos de pandemia. Disponível em [www.hypeness.com.br/2020/03/infodemia-e-covid-19-fluxo-de-informacoes-e-saude-mental-em-tempos-de-pandemia/](http://www.hypeness.com.br/2020/03/infodemia-e-covid-19-fluxo-de-informacoes-e-saude-mental-em-tempos-de-pandemia/). Acesso em 07 fev.2022.

Portal INSA. Literacia em saúde. Disponível em [www2.insa.pt/sites/INSA/Portugues/AreasCientificas/PSDC/AreasTrabalho/LiteraciaSaude/Paginas/](http://www2.insa.pt/sites/INSA/Portugues/AreasCientificas/PSDC/AreasTrabalho/LiteraciaSaude/Paginas/). Acesso em: 20. jan.2022.

Portal UNESCO. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647> . Acesso em: 28 jan. 2022.

Portal O GLOBO. Coronavírus: Brasil sobe nível de alerta para perigo iminente. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus-brasil-sobe-nivel-de-alerta-para-perigo-iminente-24215470> . Acesso em: 30 jan. 2022.

Portal PAHO. Disponível em [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf?sequence=14](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14). Acesso em: 28 jan. 2022.

Portal PAHO. Vírus causador da COVID-19. Ver: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 28 jan. 2022.

SCHIAVO, R, LEUNG, M. M, & BROWN, M. **Communicating risk and promoting disease mitigation measures in epidemics and emerging disease settings**. Pathog Glob Health, p. 76-94, 2004.

TABAKMAN, R. **A saúde na mídia**. São Paulo: Summus Editorial, 2003

THISEN, J. da S. (2008). A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira da Educação**. Volume 13, número 39.

WAISBORD, S. Fake news sobre salud en el nuevo régimen de verdad y (des)información. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, n. 1, v. 14, 2000.

ZOLLER, H. H., & KLINE, K. N. Theoretical contributions of interpretive and critical research in health communication. In C. Beck (Ed.), **Communication Yearbook** (Vol. 32, pp. 89-136). New York: Routledge, 2008.